



# Trabalho e escola: expectativas de jovens estudantes de uma escola pública e periférica

Trabajo y escuela: expectativas de jóvenes estudiantes de una escuela pública y periférica

*Work and school: expectations of young students of a public and outlying school*

**BASSANI, Luiz Ademir<sup>1</sup>**

Bassani, L. A. (2022). Trabalho e escola: expectativas de jovens estudantes de uma escola pública e periférica. *RELAPAE*, (16), pp. 42-53.

## Resumo

Partindo de um cenário de pandemia com aulas virtuais e avanço neoliberal levando à precarização ou falta de trabalho, este artigo discute os resultados de uma pesquisa qualitativa que apreendeu o objeto empírico por meio da análise de conteúdo de questionário realizado via formulário com estudantes da terceira série do Ensino Médio (E.M.) de uma escola pública periférica da cidade de Indaiatuba, SP, a respeito das suas expectativas de profissionalização e trabalho pós-término da escolarização básica. Teoricamente, buscou-se embasamento histórico e sociológico relativo à juventude e ao mundo do trabalho na atualidade. A partir das respostas dos alunos nos formulários foi possível identificar o interesse em seguir estudando, porém, concomitantemente ao trabalho. Identificamos também a necessidade de abordar o tema estudo após o término do E.M.

**Palavras-chaves:** escolarização, expectativa jovem, trabalho.

## Resumen

A partir de un escenario de pandemia con clases virtuales y avances neoliberales que conducen a la precariedad o falta de trabajo, este artículo discute los resultados de una investigación cualitativa que apprehendió el objeto empírico a través del análisis de contenido de un cuestionario realizado a través de un formulario con estudiantes de tercer año de la secundaria de una escuela pública de la periferia de la ciudad de Indaiatuba/SP, en cuanto a sus expectativas de profesionalización y trabajo post-terminación en la educación básica. Teóricamente se buscó una base histórica y sociológica respecto a la juventud y el mundo del trabajo en el actual. A partir de las respuestas de los estudiantes en los formularios, fue posible identificar el interés de seguir estudiando, pero concomitante con el trabajo. También identificamos la necesidad de abordar el tema de estudio después de la finalización de la secundaria.

**Palabras Clave:** escolaridad, juventud, expectativa, trabajo.

## Abstract

Starting from a pandemic scenario with virtual classes and neoliberal advances leading to precariousness or lack of work, this article discusses the results of a qualitative research that apprehended the empirical object through the content analysis of a questionnaire carried out via a form with third grade students, of high school of a public school on the outskirts of the city of Indaiatuba/SP, regarding their expectations of professionalization and post-completion work in basic education. Theoretically, a historical and sociological basis was sought regarding youth and the world of work

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil / luiz.bassani.indaia@gmail.com

in the current era. From the students' answers in forms, it was possible to identify the interest in continuing to study, but concomitant with work. We also identified the need to address the subject of study after the end of high school.

**Keywords:** schooling, youth, expectation, job.

## Introdução

Passados mais de dois anos de distanciamento social devido à pandemia de COVID-19 e a obrigatoriedade do ensino virtual mediado por tecnologias, jovens<sup>2</sup> alunos das escolas públicas do estado de São Paulo sofrem com empecilhos devido à falta ou precariedade de equipamentos de tecnologia de informação e comunicação (TIC), a problemas de acesso à internet e ainda a dificuldades de adaptação ao ensino virtual (Morais e da Silva, 2020), com a escassez dos postos de trabalho e o avanço das reformas trabalhistas diminuindo direitos. Portanto não é difícil deduzir que o aumento da desigualdade de escolarização dificulta a garantia do direito à educação e à aprendizagem, tornando a continuidade dos estudos e o acesso à universidade pública mais difíceis, e ainda sem garantir preparo dos estudantes para competir com alunos de outras classes sociais (Cunha *et al*, 2020). Como resultado da crise econômica e sanitária identifica-se também queda na parcela da população ocupada oficialmente ou aumento da informalidade da ocupação (Corseuil *et al*, 2021), juntamente com reformas neoliberais do governo de direita. O texto parte de uma discussão acerca da crise e como o jovem estudante do Ensino Médio é afetado, objetivando entender suas expectativas em relação à escola e ao mundo do trabalho, com justificativa na importância de identificar a influência das referidas crises sobre os jovens estudantes, bem como encontrar possível reprodutibilidade desta pesquisa em outros estudos já realizados.

## Marco teórico

Outros autores já se empenharam em realizar análises que se dedicam a explicar a trajetória educacional e laboral destacando, comumente, temas como a taxa de escolaridade e o acesso ao ensino superior do público jovem, validando aspectos como o atraso escolar, a renda familiar e a autodefinição de cor/ raça (Andrade e Dachs 2007; Lima, 2012). Alguns trabalhos se debruçam sobre a análise de situações e condições dos nem-nem como mais preponderantes entre jovens com baixa escolaridade e de baixa renda, e sobre mulheres, especialmente as com filho (Cardoso, 2013). Alguns autores já investigaram as expectativas do jovem em relação à escola e empregos (Cardoso, 2008; Souza, 2022; Günther e Günther, 1998; Leão et al, 2011; Corrochano, 2022; Cunha, 2015; Cássia *et al*/2015), trazendo análises sobre a importância da escola para o aluno do E.M. na sua formação, para inserção no mercado de trabalho e na universidade, por outro lado, visões de futuro são influenciadas por determinantes familiares, relações sociais e escolaridade dos pais, entre outros aspectos. Quanto à visão de futuro, os jovens se veem na necessidade de entrar no mercado de trabalho para ajudar a família e ter uma “vida boa” relacionada com consumo.

A classe social em que a família do jovem está inserida, bem como a trajetória escolar, tem influência nas expectativas dos jovens em relação a um tempo mais extenso de estudo e vida profissional. Portanto consideramos que a baixa expectativa de continuidade dos estudos, principalmente em universidades públicas e a alta exigência de ingresso no mercado de trabalho sob a necessidade de contribuição com a renda familiar (Andrade e Dachs, 2007; Limongi; Sampaio; Torre, 2000; Pochmann, 2004), reforçam a ideia de que a intenção da classe trabalhadora é entrar no mercado de trabalho, enquanto a classe média buscaria a escolaridade prolongada (Saes, 2005).

Partindo do pressuposto de que a escola faz parte do aparelho do Estado que atua como instrumento de reprodução da sociedade capitalista (Althusser, 2008), com um olhar de um momento histórico da extrema direita no poder federal, implanta-se na sociedade brasileira a ideia da salvação econômica a partir da meritocracia, propagada na reforma do Ensino Médio implementada a partir de 2021, reforma esta que decreta, segundo Frigotto (2017), uma escola para os ricos e outra para os pobres.

## Procedimentos metodológicos

O presente estudo foi desenvolvido a partir da análise de material produzido nas aulas de uma disciplina eletiva chamada “Estudo, emprego e trabalho”, durante o ano de 2021, numa escola pública periférica do interior paulista, com alunos do E.M., contabilizando 34 participantes que estudam e que, nos últimos meses, se ocuparam com atividades remuneradas. Utilizando um formulário de questões abertas e fechadas responderam perguntas referentes ao perfil do

---

<sup>2</sup> No Brasil, a atual Política Nacional da Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos, ao mesmo tempo em que denomina jovens entre 15 e 17 anos como jovens-adolescentes, que serão o público desta pesquisa.

entrevistado, identificação da opinião sobre a escola e estudo, e posteriormente, questões para identificar as expectativas de futuro relacionadas a estudo e trabalho, naquele momento e após o término do E.M. A escolha da ferramenta Google formulário se mostrou apropriada àquele período de distanciamento, já que “levantamentos de opiniões podem ser facilmente implementados no Google Forms” (Heidemann *et al*, 2010, p. 32). Com o fim do semestre e o material arquivado, a direção da escola autorizou sua utilização para análise, vindo ao encontro do que defende Franco (2005, p. 12), acerca de que a mensagem pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Foi utilizada também a pesquisa em repositórios de textos da [Scientific Electronic Library Online Brasil \(SCIELO\)](#), do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), como instrumentos de artigos que tratam do mesmo assunto em momento diferente.

O material empírico coletado e produzido a partir das respostas foi ordenado e organizado em torno de categorias ou eixos temáticos, por meio do cruzamento dos dados apresentados pelos jovens alunos, (Franco, 2005) o que se configura como um conjunto de técnicas de análises de comunicações e conteúdo que servem como o ponto de partida da análise, junto com referências teóricas para inferências.

Este texto tem como objetivo problematizar a relação entre educação, trabalho e classes sociais, tomando o público juvenil como objeto, mas sem a pretensão de discutir o universo identitário (Dayrell, 2007). As expectativas descritas neste artigo dizem respeito a planos, estratégias e tendências de futuro dos jovens alunos ao final do E.M. A discussão que segue se apresenta em três perspectivas: a primeira é conhecer um pouco os alunos, a segunda é conhecer a opinião dos estudantes sobre a importância da escola, e a terceira parte trata das expectativas sobre o futuro de estudo e ocupação. A escola estaria, então, reforçando mecanismos de reprodução das relações de produção, perpetuando a máxima de escola para pobres e escola para ricos, destinada para proletariados e burguesia, respectivamente. Em suma, seria a escola pública atual proporcionadora de jovens com poucas ou sem muitas expectativas de seguir estudando e alta expectativa de entrar no mercado de trabalho.

### **Análise: conhecendo os alunos**

Antes de entrar nas discussões a respeito das respostas, vale lembrar que os alunos e alunas participantes desta pesquisa estudam no período da manhã em uma escola pública de um bairro periférico da cidade de Indaiatuba, na região metropolitana de Campinas, SP, e são divididos em duas salas do último ano do E.M., com idade variando entre 16 e 20 anos.

No final do terceiro bimestre de 2021 havia 50 alunos matriculados, e destes, 34 responderam ao formulário. Os outros 16 não participaram das atividades pedagógicas remotas (avaliações externas impressas e virtuais, atividades via aplicativo, atividades via Google Classroom) necessárias devido ao distanciamento social durante a pandemia de Corona vírus. Tal situação levou a equipe gestora, depois de uma busca ativa por meio de mensagens, ligações e cartas, a considerar algumas hipóteses: dificuldade de acesso, desmotivação do ensino mediado por tecnologias ou ainda, possivelmente, o aluno estaria trabalhando. Esta última hipótese se fortalece quando há comunicação com os próprios alunos ou familiares, ao lograr-se o contato.

Computando, assim, apenas 34 dos 50 alunos, podemos considerar que 3 alunas e 13 alunos provavelmente evadiram/desistiram de estudar no ano de 2021. Nesta pesquisa não tivemos contato com esses alunos, porém podemos considerar algumas possibilidades explicativas, entre elas, a desistência forçada pela necessidade de trabalhar, pois “os alunos inseridos no mercado de trabalho apresentam maior chance de repetência” (Alves; Ortigão; Franco, 2007, p. 174), nesse caso, evasão. Podem-se listar, ainda, outras variáveis sociodemográficas que aumentam o risco de evasão e reprovação, como trabalhar, ser do sexo masculino, ser preto e dispor de menor poder econômico (Dore, 2013).

O tema é complexo, e neste texto temos a intenção não de criar teoria, mas usá-la para entender as possíveis motivações do abandono. Um dos motivos seria o ensino de “conteúdo de forma descontextualizada e sem sentido para o aluno” (Silva Filho; Araújo, 2017. p. 45). Outra perspectiva é de que o abandono seria motivado pela necessidade de trabalhar para colaborar com o sustento familiar ou para ter seu próprio dinheiro (Arroyo, 1993; Meksenas, 1998).

Lembramos que o trabalho de jovens é regulamentado, configurando-se como dever dos responsáveis legais dos menores de 18 anos “afastá-los de empregos que diminuam consideravelmente o seu tempo de estudo, tempo de repouso necessário à sua saúde e constituição física, ou prejudiquem a sua educação moral” (art. 424, CLT). Na prática,

sabemos que não trabalhar não é uma opção para muitos dos alunos da escola pesquisada, que quando conseguem um trabalho, optam por desistir de estudar ou mudar para outra unidade escolar que ofereça ensino noturno, assim como sabemos que “as altas taxas de evasão entre jovens de baixa renda são causadas pela necessidade dos jovens de se inserir prematuramente no mercado de trabalho” (Cossío; Schwartzman 2008, p. 152). Podemos ainda considerar que o motivo de serem mais altos os números de estudantes do sexo masculino desistentes seja a necessidade de trabalhar, conforme identificado por Tokarnia (2020) da Agência Brasil, ao apontar a “necessidade de trabalhar como fator prioritário, resposta dada por 39,1% dos entrevistados. Considerando apenas os homens, essa foi a resposta dada por 50% deles. Já entre as mulheres, o percentual cai para 23,8%.”

Complementando com os motivos destacados anteriormente e sem a pretensão de esgotar o tema, a pandemia e o distanciamento social exigiram o ensino remoto, que segundo Sousa Santos (2020, p. 21), “não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam”, como não possuir equipamentos eletrônicos ou ter dificuldades de acesso à internet.

Apesar da distribuição entre alunos e alunas matriculados ser equivalente, a maioria das respostas ao formulário foi de alunas (22), contra 12 de alunos. Voltando aos alunos respondentes, de um total de 50 matriculados, 34 responderam ao formulário e apenas 3 declararam que participam do programa de distribuição de renda Bolsa Família, o qual poderia ser um dos incentivos para a continuidade dos estudos, segundo Cossío e Schwartzman (2008).

Apesar de estudos indicarem que mais de 70% dos jovens entre 14 e 29 anos desistem de seguir estudando, influenciados principalmente pela necessidade de trabalhar, pelo desinteresse e pela gravidez (Crelier, 2020), a presente pesquisa pode apontar um outro motivo, já que, ao se perguntar sobre a cor da pele e etnia, 14 alunos se declararam pardos e 7 se declararam pretos, totalizando 61,8% dos participantes, sendo que apenas 9 (26,5%) se declararam brancos. A exclusão, o preconceito e o racismo em relação a alunos negros e pardos podem ser identificados na pesquisa de Bonilha e Soligo (2015), que chamam atenção para o branqueamento dos alunos matriculados durante os anos de escolarização em todos os níveis, destacando a maior desistência no final dos ciclos da educação básica e enfatizando que “a desigualdade socioeconômica é a causa lógica para as disparidades entre brancos e negros” (Bonilha; Soligo, 2015, p. 90).

Os outros 11,7% não souberam ou não quiseram responder, podendo-se inferir que tal recusa à autodeclaração da cor resulta do apagamento do conflito racial encontrado pelas alunas e alunos negros e pardos, como forma de superar e ignorar o racismo, de acordo com Cavalleiro (2005): “o abafamento do conflito surge como uma opção para que o problema desapareça do cotidiano escolar e a sua vítima dele se esqueça” (Cavalleiro, 2005, p. 93).

Quando questionada a escolaridade dos tutores, pais ou responsáveis pelos alunos e alunas (considerando que terminaram o E.M. no ano de 2021), entre a figura masculina, 61,8% estudaram menos que eles, já entre as figuras femininas, 47% estudaram menos, conforme a tabela 01, a seguir:

**Tabela 01 – Escolaridade dos tutores**

	<b>Figura masculina</b>	<b>Figura femenina</b>
Não terminaram o E.F.	14	7
Terminaram o E.F.	3	3
Não concluíram o E.M.	4	6
Terminaram o E.M	2	11
Terminou E.M. técnico	4	2
Cursou/ terminou E.S.	3	4
Não sabe responder	4	1
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>34</b>

Fonte: produção do autor

A tabela anterior mostra que a figura feminina responsável pelos alunos e alunas estudou um pouco mais que a figura masculina, porém ainda menos que os alunos e alunas, se considerarmos o término do curso ao final de 2021. É sabido que o nível de escolarização dos pais tem influência na formação profissional e nos rendimentos dos filhos. Bezerra e Martins (2017) demonstram que 69% dos filhos de pais, tutores e responsáveis que terminaram o ensino superior seguem o mesmo caminho, enquanto que entre pais, tutores e responsáveis que não frequentaram a escola, a chance de o aluno e aluna do E.M. seguir ao curso superior é de apenas 4,6%. No entanto, esta questão foi feita para alunos do E.M., então, nos ancoramos em Guerreiro-Casanova *et al.* (2011), que destacam a renda familiar per capita e o nível de escolaridade dos pais como duas variáveis de grande influência sobre o nível educacional dos filhos, vindo ao encontro da afirmação de que quanto mais altas a renda e a escolaridade dos pais, melhor será o desempenho educacional dos filhos (Machado; Gonzaga, 2007).

Em contraponto às afirmações anteriores, estatísticas de 2011 indicavam que 68% de alunos e alunas da classe C estudam mais que seus pais e ainda têm melhores postos de trabalho (Magalhães, 2011), dados que são igualados nesta pesquisa. Outro fato interessante de ser lembrado é o poder de compra. Em 2013, eram noticiados pela revista *Exame* o crescimento do consumo da classe C e expectativa de crescimento da quantidade do consumo dessa faixa de classe social (Muniz, 2013).

Quase uma década depois e em meio a uma crise sanitária e uma crise financeira, sabemos que, nesses momentos, e repetindo a história, os mais afetados são os jovens, os negros e as mulheres, como identificado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua pelas pesquisadoras Barbosa, Costa e Hecksher (2021).

### **Análise: opinião sobre a escola**

O próximo grupo de perguntas fez referência à opinião dos alunos sobre a importância da escola, com questões inseridas neste estudo após indagação realizada em sala de aula antes da presente pesquisa: “Qual é a profissão que deseja ter no futuro e por que você vem à escola?”. Fato interessante foi encontrar respostas como: “quero ser advogado e venho à escola pra passar de ano”. Aliás, a resposta “passar de ano” esteve presente na maioria das respostas à pergunta aberta. Para analisar a resposta, trazemos Sacristán (2005), ao considerar que:

A escolarização (...) perde agora o sentido de ser meio para um fim posterior promissor, por duas razões. Em primeiro, porque a renúncia em viver a agradável vida do presente é mais custosa nas sociedades desenvolvidas em que tantos atrativos são apresentados aos menores, aos jovens. Em segundo lugar, porque o futuro ficou muito distante, e a etapa de preparação promissora é para um futuro profissional não assegurado por um sistema de trabalho precário, flexível, instável e de prática de atividades mutáveis. A promessa de entrar no mundo adulto com a incorporação ao do trabalho foi quebrada ou se enfraqueceu para aqueles que, por sua origem familiar, não têm garantida a transição ao mundo do trabalho.

Já quando perguntado, sob a forma de questões fechadas, sobre qual a principal função da escola, na opinião dos alunos: 64,7% afirmam que é para prepará-los para ter mais conhecimento, 23,5% acreditam que a função da escola deveria ser prepará-los para arrumar emprego, 8,8% acham que a escola deveria prepará-los para ser empreendedores e apenas um aluno (2,9%) opina que a escola deveria formar cidadãos críticos. Interessante destacar que nenhum aluno escolheu a opção “não sei”, “pra passar de ano” ou “outra”, o que demonstra a escolha politicamente correta à questão dada.

Quando perguntados sobre se o que é ensinado na escola, em sua opinião, ajudaria a arrumar emprego, 22 alunos – a maioria – acreditam que sim, outros 5 acreditam que o conteúdo ensinado/ aprendido na escola não servirá para arrumar emprego, enquanto 7 alunos não souberam responder.

Os significados e sentidos que a escolarização tem nas vidas dos alunos, segundo suas expectativas e projetos de futuro, na perspectiva de um adulto parece ser vista com mais facilidades de entendimento do que por um adolescente, pois:

os dilemas que marcam a transição para outro patamar do ciclo de vida ficam mais evidentes. A continuidade dos estudos não se afigura como caminho imediato para a maioria, o desejo de trabalhar ou de melhorar profissionalmente para os já inseridos no mercado torna-se mais urgente com a preocupação do iminente desemprego ou da precariedade ocupacional. Os jovens alunos são impelidos a pensar nas escolhas imediatas. (Sposito; Galvão, 2004 p.374- 375)

Para confirmar as respostas anteriores, perguntou-se a respeito da importância das disciplinas para esses jovens, e 29 dos 34 alunos consideraram língua portuguesa e matemática como as disciplinas mais importantes, indicando que as outras disciplinas parecem poder ser descartadas para a maioria dos alunos.

Apesar das respostas politicamente corretas, o jovem tem interesse em passar de ano e obter um diploma, mas parece não enxergar a importância da escola.

### **Análise: expectativa de futuro**

Por fim, os alunos responderam questões relacionadas a expectativas de futuro, de estudo e de ocupação.

Depois de terminar o ensino médio, 79,4% dos alunos responderam pretender seguir estudando, porém querem trabalhar. Enquanto 11,8% querem apenas estudar, somente um aluno quer seguir apenas estudando e os outros dois não souberam responder. Ao responder sobre a formação que planejam seguir ao terminar o ensino médio, 19 alunos tencionam fazer faculdade, 4 alunos querem fazer curso técnico e 3 pretendem fazer curso profissionalizante de curta duração (cabelereiro, por exemplo). Sabemos que o que determina a inclusão ou não no mercado de trabalho “não é a presença ou a ausência de qualificação, mas as demandas do processo produtivo que combinam diferentes necessidades de ocupação da força de trabalho” (Kuenzer, 2009, p. 494), mas é necessário discutir que em um cenário de crise, se qualificar para competir e conseguir um posto de trabalho é uma condição presente no dia a dia da maioria dos adolescentes, mediante “o aumento crescente do desemprego entre os jovens e de certa forma o próprio apelo social que relaciona educação como garantia de empregabilidade” (Zago, 2005, p. 3), que parece ser uma visão econômica sobre a ocupação no mercado de trabalho, corroborando a tese de que o desemprego está relacionado apenas com a necessidade de investir na formação profissional e indicando, erroneamente, que “o desemprego decorre do fato de que determinados indivíduos (os desempregados) não investiram adequadamente em si mesmos para tornar sua força de trabalho atraente para os empregadores, como os outros indivíduos (os empregados) o fizeram” (Cardoso, 2000, p. 63-64).

Ao se pensar na ocupação dos jovens, devemos nos atentar a outras variáveis, como sexo e etnia e não simplesmente ao nível de escolaridade. Ancorados em Balassiano *et al* (2005, p. 17), podemos afirmar que “indivíduos com mais escolaridade não são, necessariamente, mais empregáveis”, mas podemos, segundo o mesmo autor, afirmar que “trabalhadores com maior escolaridade tendem a receber maiores salários”. Podemos afirmar ainda que

a escolaridade exigida pela ocupação é mais relevante do que a escolaridade do indivíduo. Porém, tanto numa situação como noutra, o efeito da escolaridade sofre alteração a depender da conjuntura do mercado de trabalho: numa situação de elevada taxa de desemprego, o efeito da escolaridade é mais elevado; o contrário se evidencia quando a taxa de desemprego é mais reduzida numa situação de elevada taxa de desemprego. (Ribeiro, 2017, p. 169)

Tais afirmações podem ser o motivo de alguns alunos não terem conhecimento sobre o mecanismo de ingresso na universidade. Quando questionados se conheciam maneiras de ingresso na faculdade, 73,5% sabem que as faculdades são públicas/ gratuitas, particulares. Enquanto 2 alunos acreditam que todas são particulares e 2 alunos acreditam que todas são públicas. Há, ainda, outros 5 alunos (14,7%) que não souberam responder. Não houve perguntas sobre bolsas e financiamentos estatais para ingresso na universidade. Seguindo, foi perguntado aos alunos se já tinham ouvido falar ou conheciam alguma instituição de ensino superior universitário, e 23 deles declararam não conhecer o nome de nenhuma instituição de ensino superior. Entre os alunos que responderam conhecer, os nomes citados foram PUC Campinas, Unicamp, Ceunsp, Unip, Unimax, que são universidades próximas, e não tão

próximas, como Unesp, USP e UFRJ. Outro motivo do desconhecimento de alguns sobre as universidades, seu ingresso e funcionamento pode ser a não orientação por parte da escola.

Quando a questão foi sobre a continuidade dos estudos após o término do E.M., 27 alunos afirmaram pretender seguir estudando, enquanto 7 consideravam não mais estudar logo ao terminar o E.M. Entre os respondentes, 20 dos alunos que consideraram seguir estudando pretendem fazê-lo em um curso superior, ou seja 74%, enquanto o restante pensa em seguir estudando em escolas técnicas ou profissionalizantes. A taxa encontrada nesta análise confere com a pesquisa do PNAD (2019), que indica que cerca de 6 em cada 10 jovens seguem para a universidade após o término do E.M, deixando o tema do não término do curso superior para outro momento.

Dos alunos e alunas que pretendem seguir estudando, 19 alunos citaram profissões como médico, advogado, professor, engenheiro, administrador de empresa e arquiteto. Outros 5 alunos pensam em fazer um curso profissionalizante, citando profissões como barbeiro, padeiro ou eletricista. Ainda nessa questão, 3 citaram cursos técnicos, como enfermagem, farmácia, eletrônica, segurança do trabalho ou logística. Apesar das respostas, percebe-se uma discrepância quando é perguntado ao aluno como se vê daqui a cinco anos em relação a trabalho – possível tempo para se acabar uma próxima fase de estudos –, conforme demonstra a tabela 02.

**Tabela 02 Expectativas de ocupação no futuro**

Empresa/ fábrica com carteira assinada	5
Comércio com carteira assinada	2
Autônomo (ex: dentista, psicólogo)	3
Dono de uma empresa ou comércio	7
Vendedor de mercadoria pela internet (ex: <i>Mercado Livre, Amazon</i> )	1
Prestador de serviço (ex: calheiro, eletricista)	0
Trabalhador por aplicativo (ex: <i>uber, rappi, ifood</i> )	0
Artista (ex: artista de tv, música, teatro)	1
Youtuber ou influenciador digital	0
Esportista profissional	1
Agropecuária	0
Construção civil	0
Outro	7
Não sei	7
Total	34

Fonte: produção do autor

Por fim, foi perguntado se os alunos percebem que serão ou não afetados pelas dificuldades impostas pelo distanciamento social, ensino mediado por tecnologia, ensino remoto, ensino híbrido e pelas crises sanitárias e econômica.

Quando questionado sobre se aulas remotas / ensino híbrido e sua influência prejudicariam seu aprendizado, 16 alunos (47%) acreditam que todos os jovens (alunos de particulares e públicas) serão afetados igualmente. Outros 12 alunos (35,3%) acreditam que serão mais afetados e prejudicados que alunos de escolas particulares. O restante não soube opinar. Até pouco tempo, era comum ouvir de professores e nos discursos que a escola pública não possuía ou não utilizava computadores, e este foi um dos motivos da diferença entre educação pública e privada. Kenski (2007) já afirmava que tecnologia poderia ser um importante instrumento auxiliador no desenvolvimento do ensino aprendizagem.

No entanto, quando os alunos foram questionados sobre preferir ensino mediado pela tecnologia ou presencial, 32 dos 34 participantes refutaram as tecnologias, preferindo o ensino tradicional. Aparentemente houve, para os alunos pesquisados, uma mudança abrupta, passando de um ensino sem o auxílio da tecnologia para outro, quando em distanciamento, mediado pela tecnologia e pelo distanciamento de alunos e professores.

### Algumas considerações

Em 2021, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o grupo que compreende jovens de 14 a 17 anos, o desemprego atinge 46,3%, já entre os jovens de 18 a 24 anos, o desemprego chegou a 31%. Além do desemprego, existe a já constatada precariedade salarial, alta taxa de rotatividade e o não trabalho decente (Antunes, 1999). Há de se considerar, então, que durante uma crise sanitária, econômica e política, e com avanço de reformas neoliberais, quando faltam empregos, o jovem seja o mais afetado.

Apesar das intenções em seguir estudando identificadas nesta análise, há de se ressaltar a dificuldade de estudar durante a pandemia encontrada pelos alunos de baixa renda, dificuldade imposta pela necessidade de ajudar em casa, cuidar das crianças e dos mais velhos ou, ainda, dificuldade de acesso à tecnologia, como rede de internet (Catanante et al., 2020).

A realização profissional e financeira é representada nas expressões finais deixadas pelos jovens estudantes, como “ser feliz no trabalho”, “ganhar bem”, “comprar uma casa” ou ainda “ajudar minha família”. Assim, a partir da convergência de informações dadas pelos jovens, é possível afirmar que há uma crença num futuro melhor.

Embora demonstrem intenção de seguir estudando em uma universidade, poucos conhecem as universidades que estão no entorno da cidade, chegando até a desconhecer a existência de universidade gratuita. Ainda, ao ser feita a indagação sobre como se veem no futuro, metade dos respondentes se vê como empreendedor ou não imagina seu futuro. Paradoxalmente, os jovens consultados acreditam em um futuro melhor em relação à sua formação e a ocupação.

Fica evidente que a precocidade da entrada dos jovens no mercado de trabalho, suas causas e consequências e o ingresso em cursos após o E.M. não foram trabalhados com os jovens que responderam a esta pesquisa. A turma que respondeu o formulário se formou em 2021, a partir de 2023, os egressos já estarão estudando sob reformas, como os itinerários formativos integrados, que poderão apresentar novas possibilidades de formação e informação.

Por fim, considerando outras pesquisas publicadas em artigos que tratam das expectativas dos jovens estudantes a respeito de estudo e emprego, outros autores já trouxeram considerações aqui também encontradas, porém percebe-se que a pandemia amplificou o desconhecimento do mundo do trabalho, bem como a necessidade mais precoce de inserção no mercado e o desconhecimento de informações básicas para seguir estudando, principalmente no Ensino Superior.

### Referências bibliográficas

Althusser, L. (2008). *Sobre a reprodução*. Vozes

Alves, F., Ortigao, I., Franco, C. (2007). Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. *Cadernos de Pesquisa*, 37(130), p. 161-180. <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/08.pdf>>

Andrade, C. Y. e Dachs, J. N. W. (2007). Acesso à educação por faixas etárias segundo renda e raça/cor. *Cadernos de Pesquisa*, 37(131), p. 399-422.

- Antunes, R. (1999). O mundo precarizado do trabalho e seus significados. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2, 55-72.
- Arroyo, Mi.G. (1993). Educação e exclusão da cidadania. In: E. Buffa (Org.). *Educação e cidadania: quem educa o cidadão*. 4. ed. Cortez.
- Balassiano, M., Seabra, A. A. De y Lemos, A. H. (2005). Escolaridade, salários e empregabilidade: tem razão a teoria do capital humano? *Rev. adm. contemp.*, 9(4) <https://doi.org/10.1590/S1415-65552005000400003>.
- Barbosa, A., Costa, H. y Hecksher, M. (2021). Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: ampliação de desigualdades já existentes? *Boletim Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise*, 69, p. 55-63.
- Bezerra, M. y Martins, L. (2017). *Escolarização dos pais é decisiva no nível educacional dos filhos*. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/12/15/so-46-dos-filhos-de-pais-sem-ensino-fundamental-tem-diploma-no-brasil.htm>>
- Bonilha, T. P. y Soligo, A. F. (2015). A exclusão do aluno negro no sistema educacional brasileiro: uma discussão a respeito do 'não-lugar'. *Integración Académica en Psicología*, 3(7).
- Brasil. *Consolidação das Leis Trabalhistas*. Senado Federal, 1943.
- Cardoso, A. (2000) Economia x sociologia: Eficiência ou democracia nas relações de trabalho? *Dados, Rio de Janeiro*, 43(1), p. 45-82.
- Cardoso, A. (2008). Transições da escola para o trabalho no Brasil: persistência da desigualdade e frustração de expectativas. *Dados*, 51(3). ISSN 1678-4588. <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582008000300002>>.
- Cardoso, A. (2013). Juventude 'nem nem' e a reprodução da desigualdade no Brasil. Congresso Latino-Americano De Estudos Do Trabalho, SÃO PAULO, 02 A 05 JUL.
- Catanante, F., Rogério, C. y Loiola, I. (2020) Aulas on-line durante a pandemia: condições de acesso asseguram a participação do aluno? *Revista Científica Educ@ção*, 4(8), p. 977-988. <https://doi.org/10.46616/rce.v4i8.122>.
- Cavalleiro, E. (2005). *S. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil*. Contexto.
- Corrochano, M. (2022). Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 18(1), pp. 23-44. Epub <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772013000100003>>.
- Corseuil, C., Franca, M, Padilha, G., Ramos, L. y Russo, F. (2021). *Comportamento do mercado de trabalho brasileiro em duas recessões: análise do período 2015-2016 e da pandemia de COVID-19*. <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10469> Acesso em: 14 mar 2022.
- Cunha, L. da, Silva, A. de S.; Silva, A. P. da. (2020). O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, 7(3), p. 27-37. <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>.
- Cunha, M. (2015). *Expectativas De Estudantes Concluintes Do Ensino Médio Em Escolas Públicas Estaduais De Campina Grande: Trajetória E Perspectiva*. Tese Puc- SP.
- Dayrell, J. (2007). A escola "faz" juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, 28(100), p. 1105-1128.
- Dore, S. R. (2013). *Evasão e repetência na rede federal de educação profissional*. Programa Observatório da Educação – Capes/Inep.
- Frigotto, G. (2017). Reforma do ensino médio do (des) governo de turno: decreta-se uma escola para os ricos e outra para os pobres. *Movimento-Revista de Educação*, 5. DOI: <https://doi.org/10.22409/mov.v0i5.32621>.

- Guerreiro-Casanova, C., Dantas, A., Azzi, G. (2011). Autoeficácia de alunos do ensino médio e nível de escolaridade dos pais. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(1), pp. 36-55.
- Günther, I. y Günther, H. (1998). Brasília pobres, Brasília ricas: perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica [online]*, 11(2), pp. 191-207. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200003>
- Heidemann, L., Oliveira, A. e Veit, E. (2010) Ferramentas online no ensino de ciências: uma proposta com o Google Docs. *Física na escola*, 11( 2), p. 30-33.
- Kenski, V. (2007). *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. Papirus.
- Kuenzer, A. Z. (Org.). (2009). *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 3. ed. Cortez.
- Leão, G., Dayrell, J. y Reis, J. (2011). Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. *Cadernos CEDES [online]*, 31(84), pp. 253-273. Epub 18 Out 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622011000200006>.
- Lima, M. (2012). Acesso à universidade e mercado de trabalho: o desafio das políticas de inclusão. In: Souza Martins, H; Collado, P., *Trabalho e sindicalismo: no Brasil e na Argentina*. Hucitec.
- Machado, D. e Gonzaga, G. (2007). O impacto dos fatores familiares sobre a defasagem idade-série de crianças no Brasil. *Revista brasileira de Economia*, 61(4).
- Magalhães, G. (2011). *Jovens da classe C estudam mais que os pais e têm melhores postos de trabalho*. <https://www.infomoney.com.br/carreira/jovens-da-classe-c-estudam-mais-que-os-pais-e-tem-melhores-postos-de-trabalho/>
- Meksenas, P. (1998). *Sociologia da educação*. 8. ed. Loyola.
- Morais, F. A. Fediuk de e da Silva Brito, G. (2020). Alunos e a reconfiguração da presencialidade em tempos de cibercultura: análise de relatos em redes sociais sobre as dificuldades no ensino remoto em tempos de pandemia. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6(II), p. 392-415 DOI: 10.12957/riae.2020.52233. 2020.
- Muniz, L. (2013). *Classe C consome R\$ 1,03 trilhão anualmente, diz estudo*. <https://exame.com/economia/classe-c-consome-r-1-03-trilhao-anualmente-diz-estudo/>
- Ribeiro, M. G. (2017). Desigualdades de renda: a escolaridade em questão. *Educ. Soc.*, 38(138), p.169-188. DOI: 10.1590/ES0101-73302016154254.
- Saes, D. (2005). Classe média e escola capitalista. *Crítica Marxista*, 1(21), p. 97-112.
- Silva Filho, R. B.; Araújo, R. M. de L. (2017). Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. *Educação Por Escrito*, 8(1), 35-48. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2017.1.24527>.
- Sousa Santos, B. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Almedina
- Souza, D. e Vazquez, D. (2015). Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho. *Educação e Pesquisa*, 41(2), pp. 409-426. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022015041789>
- Sposito, M. P.; Galvão, I. (2004). A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva: revista do Centro de Ciências da Educação*, 22(2), p. 277-575.
- Tokarnia, M. (2020). *Necessidade de trabalhar é principal motivo para abandonar escola*. Repórter da Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/necessidade-de-trabalhar-e-principal-motivo-para-abandonar-escola>
- Zago, N. (2005). A condição do estudante: Um estudo sobre o acesso no ensino superior. GT - Educação e Sociedade. SBS - XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte. <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php>>.

**Fecha de recepción: 14-4-2022**

**Fecha de aceptación: 27-6-2022**